

# DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE E SUA INFLUÊNCIA NA EVASÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Breno Henrique Bianco Zanoni <sup>1</sup>

Tiago Venturi <sup>2</sup>

Robson Simplício de Sousa <sup>3</sup>

ZANONI, B. H. B.; VENTURI, T.; SOUSA, R. S. de. Determinantes sociais da saúde e sua influência na evasão escolar de estudantes da educação de jovens e adultos. **EDUCERE** – Revista de Educação, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 230-252. 2022.

**RESUMO:** A partir dos relatos da vida dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o trabalho pretende levantar quais são os Determinantes Sociais da Saúde que mais influenciaram na saída desses estudantes do ensino regular e qual a relação desses determinantes na qualidade de vida dos estudantes, ou seja, analisar como aspectos sociais, econômicos e políticos influenciam o acesso a alimentos, educação, moradia etc. A pesquisa tem caráter qualitativo, a partir do levantamento dos relatos dos alunos da EJA achar palavras que sirvam de temas geradores para futura discussão em questionário da influência dos determinantes sociais da saúde na evasão escolar e na vida atual do estudante. O tema do trabalho é relevante, pois analisa como as condições sociais dos alunos influenciam na vida escolar e, assim, evidenciam indicadores para melhoria dessas condições. Isto porque a atenção às determinantes sociais da saúde pode diminuir as taxas de analfabetismo no Brasil. Além disso, busca apresentar como essas condições influenciam na aprendizagem dos estudantes, considerando-os sujeitos em suas integralidades, seus interesses, sonhos e seu passado para um ensino mais humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de jovens e adultos; Determinantes sociais da saúde; Evasão escolar.

## HEALTH SOCIAL DETERMINANTS AND THEIR INFLUENCE IN SCHOOL DROPOUT OF YOUTH AND ADULT EDUCATION

**ABSTRACT:** Based on the reports of the lives of students from Youth and Adult Education (YAE), the work intends to identify the Health Social Determinants that most influenced the school dropout of these students from regular education and what is the relationship of these determinants to the quality of life of students, that is, to analyze how social, economic and political aspects influence access to food, education, housing, etc. The research has a qualitative character, based on the survey of YEA student reports, finding words that serve as generating themes for future discussion in a questionnaire on the influence of Health Social Determinants on school dropout and on the student's current life. The theme of the work is relevant, as it analyzes how the social conditions of

---

DOI: <https://doi.org/10.25110/educere.v22i1.20228666>

<sup>1</sup> Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Setor Palotina.

Rua XV de Novembro, 1299, Centro, Curitiba - PR, CEP: 80060-000. E-mail: [breno.zanoni@ufpr.br](mailto:breno.zanoni@ufpr.br)

<sup>2</sup> Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Setor Palotina, Rua XV de Novembro, 1299, Centro, Curitiba - PR, CEP: 80060-000.

E-mail: [tiago.venturi@ufpr.br](mailto:tiago.venturi@ufpr.br)

<sup>3</sup> Doutor em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Setor Palotina. Rua XV de Novembro, 1299, Centro, Curitiba - PR, CEP: 80060-000.

E-mail: [robson.simplicio@ufpr.br](mailto:robson.simplicio@ufpr.br)

students influence school life and, thus, show indicators for the improvement of these conditions. The attention to the social determinants of health can reduce illiteracy rates in Brazil. In addition, it seeks to present how these conditions influence students' learning, considering them subjects in their entirety, their interests, dreams and their past for a more humane teaching.

**KEYWORDS:** Youth and adult education; Social determinants of health; School dropout.

## **DETERMINANTES SOCIALES DE LA SALUD Y SU INFLUENCIA EN LA DESERCIÓN ESCOLAR DE ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN JÓVENES Y ADULTOS**

**RESUMEN:** A partir de los relatos de vida de los estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), el trabajo pretende plantear cuáles son los Determinantes Sociales de la Salud que más influyeron en la salida de estos estudiantes de la educación regular y cuál es la relación entre estos determinantes en la calidad de vida de los estudiantes, es decir, analizar cómo influyen los aspectos sociales, económicos y políticos en el acceso a la alimentación, la educación, la vivienda, etc. La investigación tiene un carácter cualitativo, a partir del relevamiento de los informes de los estudiantes de la EJA, para encontrar palabras que sirvan como temas generadores de discusión futura en un cuestionario sobre la influencia de los determinantes sociales de la salud en la deserción escolar y en la vida actual del estudiante. La temática del trabajo es relevante, pues analiza cómo las condiciones sociales de los estudiantes influyen en la vida escolar y, así, evidencia indicadores para la mejora de esas condiciones. Esto se debe a que la atención a los determinantes sociales de la salud puede reducir las tasas de analfabetismo en Brasil. Además, busca presentar cómo esas condiciones influyen en el aprendizaje de los estudiantes, considerándolos sujetos en su totalidad, sus intereses, sueños y su pasado para una enseñanza más humana.

**PALABRAS-CLAVE:** Educación de jóvenes y adultos; Determinantes sociales de la salud; Deserción escolar.

---

### **INTRODUÇÃO**

A evasão escolar está diretamente relacionada ao fracasso escolar (FERNANDES, 2013), um processo complexo que deve ser entendido por diferentes perspectivas, tanto internas como externas à escola. Nesse cenário de evasão, a função social da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é “garantir o direito à educação àqueles que não tiveram acesso durante a sua infância e a adolescência” (SERRA *et al*, 2018, p. 2).

Fatores como condições de moradia, trabalho, gravidez e paternidade/maternidade na adolescência, mas principalmente a condição financeira da família, têm um peso muito grande na decisão da evasão. Na EJA, encontramos alunos que saíram da escola muito jovens, principalmente para ajudar na renda de casa. Os fatores anteriormente citados se enquadram nos chamados Determinantes Sociais da Saúde (DSS), ou seja, aspectos que são de cunho biológico e sociais e que influenciam a saúde das populações (SOUZA *et al.*, 2013).

A Comissão Nacional dos Determinantes Sociais da Saúde define os DSS como "aspectos sociais, econômicos, culturais, raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e fatores de risco na população" (SOUZA *et al.*, 2013, p. 4). Pesquisas no campo dos DSS se mostram importantes para evidenciarmos "a relação entre a forma como está organizada determinada sociedade e a condição de saúde de sua população" (CARRAPATO, 2017, p. 7). A partir dos DSS ainda podemos compreender a relação entre a forma em que a sociedade está organizada e a evasão escolar.

Um exemplo dessa relação é a influência do trabalho e renda familiar sobre a evasão escolar. A situação financeira de uma família é decisiva para a permanência dos filhos na escola. Por necessidade de ajudar em casa, muitos alunos têm de adentrar no mercado de trabalho muito cedo e, como complementam Sucupira *et al.* (2014), o trabalho infantil está relacionado às precárias condições socioeconômicas da família e ao desemprego dos pais. Assim, muitos alunos optam por sair da escola para conseguir ajudar em casa, ou pelo desgaste físico da conciliação entre as atividades da escola e do trabalho.

O presente trabalho pretende compreender essa complexa relação existente entre os DSS e a evasão escolar, por este motivo nosso objetivo é refletir acerca dos principais DSS que influenciaram a evasão escolar dos estudantes da modalidade EJA quando estavam no ensino regular e compreender como esses determinantes têm influenciado a qualidade de vida destes alunos. Além disso, busca avaliar como os aspectos econômicos, sociais e políticos determinam o acesso das camadas sociais aos diferentes níveis de qualidade em educação, moradia, alimentos etc.

## **DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade" (OMS, 1946, p.1). No entanto, o completo ou pleno estado de saúde é difícil de ser definido, pois "as definições de normalidade e saúde não são universalmente válidas para todos [...] variam em diferentes sociedades, bem como no interior de uma mesma sociedade, de acordo com a posição socioeconômica e da subcultura de quem as concebe" (BADZIAK, 2010, p. 69). Ou seja, cada sujeito, considerando seu contexto social, cultural, intelectual, laboral, dentre outros aspectos,

possui compreensões particulares sobre o que é estar saudável, ter saúde, qualidade de vida, bem-estar ou ser feliz (VENTURI, 2018).

Entretanto, é consenso de que o bem-estar de uma população vai além de um estado de não doença e que, segundo Buss e Filho (2007), a situação de saúde dos indivíduos depende de um conjunto de fatores que extrapolam sua dimensão biológica, dentre os quais, fatores ambientais, sociais, econômicos e culturais. Esse conjunto de fatores é chamado pelos autores de Determinantes Sociais da Saúde (DSS) ou Determinantes Sociais do processo saúde-doença.

Sobre os fatores sociais e econômicos o relatório da Comissão Nacional dos Determinantes Sociais da Saúde apresenta que:

As condições materiais de vida e trabalho dos indivíduos e grupos, assim como sua vulnerabilidade aos impactos ambientais estão fortemente influenciadas pela posição social que ocupam e que pode ser definida por meio de uma série de variáveis como renda, escolaridade, gênero, e outras [...]. Estas condições de vida e trabalho e seus efeitos psicossociais constituem um dos principais mediadores através dos quais a estratificação socioeconômica influencia a situação de saúde de indivíduos ou grupos, bem como os diferenciais observados entre eles (BRASIL, 2008, p.52)

Segundo Buss e Filho (2007), as várias definições para os DSS expressam, com maior ou menor nível de detalhamento, como as condições de vida e trabalho dos indivíduos estão relacionadas com sua situação de saúde. Dentre os modelos que esquematizam os DSS, destacamos o modelo de Dahlgren e Whitehead, que dispõe os DSS em diferentes camadas, desde àquelas diretamente relacionados às características individuais, denominados de proximais, até àqueles situados nas camadas mais distais, considerados macro determinantes (SUCUPIRA *et al*, 2014, p.162), conforme podemos observar na Figura 1.

Figura 1: Modelo de Determinantes Sociais da Saúde de Dahlgren e Whitehead.



Fonte: Extraído de Sucupira (2014, p.3).

Conforme apresentado na figura 1, a organização dos DSS em camadas permite a criação de pontos de intervenção para diminuição de suas influências sobre as sociedades. Segundo Buss e Filho (2007), no modelo de Dahlgren e Whitehead temos no primeiro nível fatores relacionados a comportamentos e estilos de vida. Segundo os autores, esse nível é altamente afetado pelos DSS, sendo difícil a mudança de hábitos de risco em saúde sem que existam mudanças nas normas culturais que influenciam esses hábitos. Para tanto, os autores consideram necessários programas educativos, comunicação social e espaços públicos de esporte para uma atuação eficaz nesse nível. O segundo nível corresponde às comunidades e às relações interpessoais como solidariedade e confiança entre as pessoas. As intervenções nesse nível se configuram em ações que tenham como objetivo estabelecer conexões e redes de apoio entre as pessoas (BUSS; FILHO, 2007). O terceiro nível se refere à atuação das políticas sobre as condições materiais e psicossociais em que as pessoas vivem e trabalham. Para os autores, o objetivo de intervenções nessa esfera é o de melhorar essas condições em que os trabalhadores estão submetidos, como acesso a água de qualidade, saneamento, alimentos saudáveis, emprego, educação e serviços de saúde. O quarto nível se refere a atuação na esfera dos macro determinantes, como mercado de trabalho, proteção ambiental, políticas macroeconômicas, ações que promovam o desenvolvimento sustentável, reduzam as desigualdades sociais e a degradação ambientais (BUSS; FILHO, 2007).

A partir destas considerações, podemos compreender que os estudos sobre os DSS são importantes para compreendermos as vulnerabilidades e comportamentos de uma população. Como apontam Costa *et al.* (2019), as circunstâncias sociais e econômicas dos indivíduos originam condições de vida e de trabalho desiguais, além de influenciarem o acesso à habitação, ao consumo de alimentos, e especialmente à educação. Assim, o estudo dos DSS indicaria pontos de atuação para se diminuir a taxa de evasão escolar e a EJA pode configurar-se como lócus de investigação importante para tal compreensão.

## EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O cenário da educação brasileira é marcado “pela ausência de efetivas políticas de universalização das condições de acesso e permanência no ensino fundamental e médio” (CHIAVATTA e RUMMERT, 2010, p.464). Essa falta de iniciativas de permanência culmina na evasão dos alunos da escola em idade regular ficando a cargo da EJA a formação desses alunos. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei 9.394/96, a EJA é uma modalidade de ensino que se caracteriza por oportunizar a formação escolar para aqueles que não tiveram acesso à educação básica nas idades ditas apropriadas (BRASIL, 1996). Ela “surge como proposta política na tentativa de elucidação de um problema decorrente das lacunas do sistema de ensino regular” (FRIEDRICH, 2010, p.4). No Brasil, devido à alta desigualdade social, a EJA se configura como uma “educação de classe” (RUMMERT, 2016, p.38), ou seja, destinada para os trabalhadores “cujos papéis a serem desempenhados no cenário produtivo não requerem maiores investimentos do Estado” (RUMMERT, 2016, p. 39).

Apesar da importância social dessa modalidade, é muito comum a inadequação das atividades aos novos perfis dos alunos, ou seja, “adultos que não tiveram oportunidade de se escolarizar no tempo devido” (OLIVEIRA, 2007, p.86). “O processo formativo de professores desde sua formação inicial não abrange de forma qualificada essa modalidade de ensino, sendo que os docentes apresentam total despreparo em sua atuação” (MOREIRA, 2014, p. 34), desse modo EJA é tratada como uma submodalidade de ensino, quase inferior as outras, não recebendo a atenção ou incentivo que deveria. A inadequação ocorre pela falta de materiais próprios para se trabalhar com jovens e adultos, estes são “tratados em sua maioria como crianças e suas experiências de vida ignoradas por vezes, subestimando sua capacidade de aprendizado” (MOREIRA, 2014, p. 34). Além do despreparo e falta de formação específico dos docentes para trabalhar com este tipo de público, que “desconhecendo a realidade desta modalidade de ensino e de seus alunos



opta por métodos descontextualizados resultando em aulas maçantes e desmotivadoras” (MOREIRA, 2014, p. 34). Mas principalmente por ignorar o perfil do jovem trabalhador mantendo “a lógica infantil dos currículos destinados às crianças que frequentam a escola regular” (OLIVEIRA, 2007, p. 88). Ignorar as vivências desses alunos, significa excluí-los novamente da sociedade.

Os programas governamentais voltados para esses jovens e adultos trabalhadores se restringem àqueles programas que “por sua quantidade e variedade, [...] nitidamente dirigidos à formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos denominados como pobres [...] aqueles expropriados do próprio direito à vida, num patamar mínimo de dignidade” (RUMMERT; ALGEBAIL; VENTURA, 2013, p. 725). Nesses programas, “quantidade e variedade não significam oferta ampla, mas sim pulverizada, desigual, irregular e instável (RUMMERT; ALGEBAIL; VENTURA, 2013, p. 725). Sobre os programas e ações governamentais voltados para a EJA Chiavatta e Rummert (2010) complementam que

Nesse quadro, as políticas governamentais, no âmbito da EJA, revestem-se de um caráter de aparente democratização, marcado pela ampliação de oportunidades de elevação de escolaridade, na realidade, funcionais às atuais formas de divisão social do trabalho e aos novos requerimentos do processo produtivo na atual fase de acumulação do capital. (CHIAVATTA e RUMMERT, 2010, p.464)

Para qualquer categoria de ensino, mas principalmente EJA, é importante que a “modalidade conheça o perfil dos seus alunos para ter condições de ofertar uma educação voltada a realidade daqueles sujeitos” (SILVA, 2017, p.26). Assim, para trabalhar com jovens e adultos é necessário conhecer o contexto desses estudantes, o que inclui os DSS que influenciam suas vidas. Essa modalidade apresenta “sujeitos que carregam consigo as desigualdades de gênero, racial, social, educacional e muitas outras” (TEIXEIRA, 2018, p.45). Alunos EJA são antes de tudo indivíduos com as mais diversas jornadas não escolares que proporcionaram experiências significativas durante sua vida. Desse modo, para construir conhecimentos significativos com esses alunos é essencial considerar a sua trajetória fora da escola e trazer essas vivências para sala de aula.

## **DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A QUALIDADE DE VIDA E EVASÃO DOS ESTUDANTES BRASILEIROS**

Quando levamos em conta a desigualdade social do Brasil, é evidente como a falta de oportunidades e/ou incentivos, principalmente para famílias carentes têm influência sobre a decisão da evasão escolar. Como Cunha, Farias e Francisco (2018) complementam, a falta de adequação entre formação escolar e mercado de trabalho ainda pode ser apontada como uma das principais causadoras da precariedade nas condições de vida dos jovens de baixa renda, essa situação precária força jovens a evadirem a escola por uma urgência imediata, visto que as necessidades em casa ultrapassam a importância de se continuar na escola.

Apesar da evasão escolar estar muito relacionada com o trabalho, já dissemos que são vários os motivos que levam os alunos a deixarem a escola. Para Bezerra (2019, p.42) a evasão escolar se relaciona com a "falta de políticas públicas que não asseguram condições mínimas de acesso, como auxílio transporte, alimentação e saúde ao estudante, como também os problemas de ordem pessoal e familiar do estudante que lhes impedem de frequentar as escolas". Fatores pessoais da vida de cada aluno também tem peso na escolha da evasão, como Filho e Araújo (2017, p. 36) complementam:

drogas, tempo na escola, sucessivas reprovações, falta de incentivo da família e da escola, necessidade de trabalhar, excesso de conteúdo escolar, alcoolismo, localização da escola, vandalismo, falta de formação de valores e preparo para o mundo do trabalho, podem ser considerados decisivos no momento de ficar ou sair da escola.

Nesse sentido, o estudo dos DSS nos permite levantar dados sobre a situação de vida dos alunos, os motivos de sua evasão e assim estabelecer indicativos para a melhora na qualidade de vida e reduzir as taxas de evasão escolar.

## **CAMINHOS DA PESQUISA**

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e, sendo assim, apresenta algumas características próprias desta abordagem. Portanto, este estudo constitui-se como uma pesquisa descritiva, na qual "a palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registro dos dados, como para a disseminação dos resultados" (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49). Como Bogdan e Biklen (1994) afirmam, o próprio caráter da pesquisa qualitativa exige que o mundo deve ser examinado com a ideia de que nada é trivial, assim os dados precisam ser analisados em toda a sua riqueza e respeitando a sua forma original. Os estudos qualitativos não pretendem confirmar hipóteses, ao contrário, nesse tipo de pesquisa "as abstrações são construídas à medida



que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 50). Desse modo, as hipóteses de teoria da pesquisa vão surgindo ao longo do estudo, o “investigador qualitativo planeja utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes. Não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efectuar a investigação” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 50).

Nesta metodologia de pesquisa, é importante levar em conta o contexto dos dados. Assim, para dados produzidos pelos próprios sujeitos, como nos relatos e respostas à questionários semiestruturados, é importante entender a história por trás desses depoimentos. Nesse sentido, Bogdan e Biklen (1994, p. 48) complementam que “os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados. Quais as circunstâncias históricas e movimentos de que fazem parte? Para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado”. A análise do contexto para a pesquisa qualitativa permite analisar as perspectivas que os participantes têm sobre a sua situação atual. Assim, “os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 50). Ou, no caso desta investigação, compreender quais os DSS que influenciam ou influenciaram a evasão escolar de alunos matriculados na EJA. Para tanto, os dados foram obtidos a partir de um questionário semiestruturado.

O questionário deste trabalho foi estruturado utilizando como base os trabalhos de Cunha, Ferreira e Francisco (2018) e Sucupira *et al.* (2014). Com isso, o instrumento utilizado foi composto de 25 perguntas, no qual as primeiras perguntas dizem respeito ao perfil do estudante: sexo, local em que estuda, cidade, idade e profissão atual. Também elaboramos perguntas sobre as condições de vida durante a vivência do ensino regular, com o objetivo de saber as características do lugar onde morava, da escola que frequentou, se o estudo era a única preocupação dos estudantes, ou se tinham outras obrigações.

Outro tópico abordado foi a relação do aluno com a escola, em que as questões foram relacionadas à idade e os motivos que o levaram a evadir da escola, se tinham dificuldades em acompanhar algum conteúdo/disciplina, se a merenda escolar era uma das principais fontes de alimento do estudante, se tiveram algum tipo de incentivo a continuar na escola. Trabalho e renda também foram pontos considerados importantes para comporem as perguntas, por isso os estudantes foram indagados como acerca de

como teria sido a experiência escolar se os pais conseguissem manter a casa sozinhos, a idade com qual o aluno começou a trabalhar, se trabalhava enquanto estudava, os professores entendiam situações como cansaço, restrição de tempo, dentre outros motivos de atraso na escola.

Outro grupo de questões trataram das consequências da evasão escolar, indagando acerca de problemas com emprego, saúde e questões psicológicas. Por fim, questionamos acerca da retomada da vida escolar, com o interesse de compreender quais os motivos para retomar os estudos, o tempo que ficou fora da escola e as pretensões futuras.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O período de coleta de respostas foi de outubro de 2020 a maio de 2021, e foram coletadas ao todo oito respostas por meio do questionário. As escolas de EJA participantes foram as escolas Horácio Ribeiro dos Reis (Cascavel- PR) e Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos - CEEBJA (Palotina-PR).

O perfil dos participantes demonstra que a maioria das respostas advém de mulheres (87,5%) em comparação aos homens que responderam (12,5%). Como as próprias alunas relatam, muitas famílias ainda colocam a responsabilidade das tarefas domésticas apenas nas suas filhas, e esse fato pode ter sido crucial na escolha de sair da escola, pois tiveram que ajudar a ter uma renda em casa ou ainda, por serem tão novas, não conseguiram conciliar o trabalho em casa e a escola, conforme observamos no relato a seguir:

*Eu não tinha tempo quase nada eu cuidava da minha irmã pequena, cortava lenha para estar pronta para a janta lavava roupas o dia inteiro por que éramos em 10 dentro de casa. (Estudante 8).*

A questão do trabalho doméstico como influenciador da evasão também aparece no trabalho de Ajala (2011). Sobre a questão do trabalho doméstico, a autora complementa “Este fato é preocupante quando voltamos à premissa que a ajuda em casa ainda é mais importante que os estudos ou a continuação dos mesmos” (AJALA, 2011, p. 33). Assim a evasão escolar além de uma questão social, ocorrendo majoritariamente na parcela de alunos de baixa renda, pode ser uma questão de gênero. Na nossa sociedade, infelizmente machista, os papéis atribuídos as meninas desde crianças são domésticas e dificilmente estas são estimuladas a buscarem caminhos acadêmico

Quanto a idade dos alunos que responderam ao questionário, observa-se uma variação variou bastante, sendo que um aluno respondente estava entre a faixa de 16 a 19 anos, quatro alunos entre 20 e 39 anos e três alunos possuíam mais de 40 anos de idade. Essa diferença afirma como as salas de aula da EJA são um mosaico de vivências, tendo desde alunos de mais de 40 anos que voltam a estudar, juntamente com alunos de cerca de 18 anos que não conseguiram concluir o ensino médio no tempo dito como regular. O professor EJA tem que ter em mente que alunos dessa modalidade já tiveram algum contato com o fracasso escolar e levar em conta suas expectativas e vontades para que estes não se sintam excluídos e abandonem novamente os estudos.

As profissões dos estudantes que responderam ao questionário não variaram tanto, visto que quatro estudantes se declaram desempregados, dois afirmaram atuar em serviços domésticos e do lar, quanto apenas dois afirmaram atuarem como auxiliar de produção em empresas da região.

Observamos um padrão nas respostas dadas pelos alunos, são empregos que não necessitam de mão de obra especializada e de remuneração baixa, o que influencia também na volta dessas pessoas aos estudos para uma melhor colocação no mercado de trabalho, como corroboram Conzatti e Davoglio (2017, p. 188), “A busca da inserção desse público nos meios formais de ensino, especialmente, na Educação de Jovens e Adultos, representa a possibilidade de continuar projetos de vida interrompidos em uma dada fase do ciclo vital”. No trabalho de Moreira (2014), a busca por qualificação para uma melhor colocação no mercado de trabalho também se mostrou uma das razões para a retomada aos estudos. Como a autora redige em seu estudo:

Dentre os motivos para retornar à escola, o que mais se destaca é a procura por um trabalho melhor, visto que a maioria exerce profissões pouco valorizadas, como: faxineiro, pedreiro e babá, isto revela a consciência de que estudar pode ajudar não apenas a formar cidadãos, mas também é um primeiro preparo para que possa conseguir um bom trabalho (MOREIRA, 2014, p. 46)

Quanto ao resumo da vida dos estudantes, também podemos observar uma certa semelhança entre os respondentes. Muitos destes alunos tinham outra responsabilidade para além da escola, principalmente, o trabalho e cuidar da casa, como demonstram os relatos:

*Morava na cidade, sempre em casa de aluguel, mudava muito de casa, nem sempre a escola ficava perto e eu tinha que ajudar minha mãe com dinheiro, por isso comecei trabalhar desde pequena com 11 anos (Estudante 3).*

*Eu estudei na zona urbana tínhamos casa própria a escola era muito boa sai da escola na adolescência ainda pois tive que trabalhar fiquei mãe com 15 anos meus pais eram agricultores não tinha renda fixa tive que trabalhar sai da escola (Estudante 5).*

*Nasci em Iporá escola Delazir Pinezi moro de aluguel em Palotina motivo sai da escola para trabalhar ajudar minha mãe (Estudante 7).*

*Quando eu estudava meus pais pagavam aluguel morávamos em zona urbana, pois parei de estudar com 12 para 13 anos pois meus pais se separaram e eu tinha que ser a dona de casa. Lavar, cozinhar, levar café até o serviço do meu pai as 08:00 da manhã. por isso não terminei meus estudos e hoje tudo o que eu quero é realizar esse sonho (Estudante 8).*

A partir destes relatos podemos começar a identificar os principais DSS que influenciaram a saída dos estudantes da EJA do ensino regular, quais sejam o trabalho infantil/juvenil e a necessidade de renda própria, ou complementação da renda familiar. A necessidade de renda obriga que famílias carentes utilizem até mesmo as crianças na medida que estas conseguem atender à determinadas ocupações. Como Souza e Alberto (2008, p. 715) complementam, “para a criança e o adolescente das classes populares determinados privilégios desfrutados no seio familiar são perdidos à medida que esses sujeitos crescem e passam a ter condições de fazer certas tarefas”. No caso desta pesquisa, é possível observar que a faixa de idade de evasão ficou dos 12 aos 15 anos, transição da infância para a adolescência.

Muitos destes alunos abandonam a escola para ajudar no orçamento familiar, visto seu contexto. Sobre essa questão, Figueiredo e Salles (2017, p. 362) afirmam que o contexto em que o aluno está inserido influencia sobre as suas decisões. Nas palavras dos autores, “aspectos referentes às famílias, escolas e comunidades moldam atitudes, comportamentos e experiências” (FIGUEIREDO; SALLES, 2017, p.362). Especificamente sobre a relação entre renda e evasão escolar, os autores complementam:

*A condição socioeconômica, geralmente medida por índices de renda familiar e escolaridade dos pais, pode incidir significativamente sobre o desempenho e comportamento do estudante, determinando desde suas aspirações e o quanto ele vai obter de apoio, até os serviços de que vai dispor na busca por uma aprendizagem mais eficaz (FIGUEIREDO; SALLES, 2017, p.362).*

Quanto à proximidade de suas residências a espaços públicos e edificações como parques, zoológicos, praças, supermercados, unidades de saúde dentre outras, as respostas ficaram divididas em 50%, fato que pode ser entendido pela localização das residências desses estudantes. Sobre o tópico da habitação nas cidades, Azevedo (2012, p. 16) nos

apresenta que “Há múltiplos territórios dentro de uma cidade, diferenciados não apenas pela localização geográfica, mas principalmente pelo nível de renda dos que os ocupam, garantindo ou não o acesso aos bens e serviços”. Novamente a renda aparece como determinante de comportamento.

A condição do acesso a moradia se relaciona com a questão econômica, ao passo que as melhores zonas de habitação, ou seja, perto de centros urbanos, com altos índices de serviços tanto públicos como privados (postos de saúde, supermercados, farmácias etc.) são reservadas a quem consegue pagar o preço de tais locações. Santos (2007) afirma que julgamos o valor de um indivíduo pelo lugar que ele ocupa dentro de um território, assim a região de moradia de uma pessoa (periferias ou regiões nobres) determina o acesso a serviços, o tratamento que essas pessoas recebem, e visão que a sociedade tem dessas pessoas. Tal ação reflete a ineficiência do poder público em diminuir os efeitos das desigualdades sobre as famílias menos favorecidas, pois o Estado acaba “segregando espaços e privilegiando as elites, como se apenas esse segmento da sociedade fossem os cidadãos no território brasileiro” (AZEVEDO, 2012, p. 17). Tal ação antidemocrática retira o direito da cidadania de famílias carentes visto que “a República somente será realmente democrática quando considerar todos os cidadãos como iguais, independentemente do lugar onde estejam” (SANTOS, 2007, P.151). Ainda sobre a relação de segregação socioespacial, Becceneri, Alves e Vasquez (2019, p. 141) complementam:

As questões relativas às classes sociais e à segregação misturam-se no contexto da metrópole, uma vez que há grande separação espacial entre as classes no território. Há padrões claros de concentração e de evitamento social em determinadas localidades, que apresentam maior ou menor homogeneidade de acordo com as características ocupacionais

Nesse sentido, o poder aquisitivo vira um determinante de localização nas cidades, em que “os padrões de renda e consumo, ao mesmo tempo em que são utilizados para classificar as pessoas, também agem como um produtor do espaço físico, sendo um indicador da posição social dos indivíduos através de sua localização no território das cidades” (BECCENERI; ALVES; VASQUEZ, 2019, p.142). Tal fato reforça a ideia de que a EJA se trata de uma educação de classe (RUMMERT, 2016). Visto que seus alunos têm que conviver diariamente com o preconceito social advindo de uma sociedade que “é acostumada a prestigiar a quem tem um bom cargo e alto nível de estudos e a desmerecer àqueles que por algum motivo não os tem” (MOREIRA, 2014, p, 55).

Outra problemática da segregação socioespacial é o contexto do estudante que propicia a evasão, pois como Figueiredo e Salles (2017, p. 362) reafirmam “estudantes que vivem em comunidades pobres tendem a ter desistentes como amigos, o que aumenta a probabilidade de também tornarem-se evadidos”. Sobre a problemática do saneamento básico nas residências, 75% dos alunos relataram ter saneamento em suas casas, enquanto 25% relataram não ter. Fato que realça a condição financeira carente das famílias.

Adentrando na relação aluno-escola, indagamos os alunos se estes possuíam dificuldades em acompanhar as matérias. A maioria dos alunos relatou dificuldades em matérias da área de exatas, principalmente matemática (50% das respostas), seguido por matérias de Português, Física e Química. Sobre o papel que a escola tem sobre a evasão escolar, Figueiredo e Salles (2017, p. 363) afirmam que dentro dessas instituições o apoio é essencial para a decisão de não sair da escola, pois “estudantes tendem a permanecer quando as relações que mantêm com os professores são positivas” Os autores ainda realçam o papel da avaliação que, muitas vezes, são “classificadoras e excludentes” (FIGUEIREDO; SALLES, 2017, p.363), a escola espera certos resultados e os classificam os alunos de acordo com esses resultados.

Quando indagados se os alunos conseguiam listar os motivos de suas dificuldades a resposta mais recorrente foi a falta de tempo; entretanto, outros fatores foram elencados pelos alunos como mostram os depoimentos destes:

*Eu não tinha tempo para estudar e minha mãe não sabia ler (Estudante 3).*

*Filha pequena, falta de tempo, falta de uma rede apoio, matérias e tarefas demais etc. (Estudante 4).*

*Meu pai nos abandonou ainda pequeno nos era em 8 irmão aí nós todos iam para a roça pra ajudar minha mãe nas despesas da casa (Estudante 7).*

*Meus motivos. Que meus pais se separam eu tinha que lavar roupas dos meus irmãos cozinhar cuidar da casa até tentei ir à escola, mas eu chegava tarde e tinha que acender o fogão a lenha e fazer almoço, não dava tempo, pois meu pai e meus irmãos chegavam e ainda estava tudo duro o arroz. Assim por esse motivo (Estudante 8).*

Ainda discorrendo sobre a falta de tempo, a maioria dos alunos responderam que ter o tempo totalmente voltado para escola mudaria a sua trajetória escolar (62,5% das respostas), em comparação aos alunos que acreditam que não mudaria (25%) ou que tanto faz (12,5%).

No questionário, muitos alunos comentaram que a merenda escolar era a única fonte de alimento diária. Assim, perguntamos aos alunos se eles consideravam que a

merenda continha todos os nutrientes necessários para uma boa alimentação. A maioria dos alunos considerou que sim (66,6%) quando comparados aos alunos que consideraram que não (33,4%). Ainda tivemos uma aluna que não sabia responder (Estudante 6), e no questionário ainda tivemos uma resposta interessante: “*De vez enquanto tinha merenda, mas nem sempre tinha*” (Estudante 8).

Esse relato do estudante 8 reflete as diferentes condições das escolas pelo Brasil, onde muitas não possuem verba para proporcionar uma merenda todos os dias para seus alunos. O fato de muitos dos alunos não conseguirem acesso a alimentos fora a oferecida pela merenda escolar reforça a condição social da família, porém se analisarmos esse fato percebemos como a escassez de alimentos para famílias carentes não é por acaso. Como complementa Azevedo (2012, p. 25), “O problema da fome no país decorre muito mais dos aspectos socioeconômicos e políticos, do que naturais”. O acesso a alimentação se torna um DSS relacionado à realidade econômica e social, visto que nem todas as camadas sociais conseguem adquirir alimentos de qualidade, ficando para a elite a abundância de alimentos e para famílias carentes o esforço para fugir da fome. Sobre a relação econômica e alimentícia, Azevedo (2012, p. 22) afirma “essa situação de carência caracteriza o flagelo humano da fome, e externa a capacidade destruidora do capitalismo, o qual é seletivo e determina quem pode ou não ter acesso aos alimentos que nutrem adequadamente o ser humano”.

O atual sistema econômico restringe o acesso a alimentos para o consumidor carente, como restringe também o acesso a terras para o pequeno produtor, concentrando um maior percentual dos hectares nas mãos de poucos latifundiários,

A estrutura fundiária brasileira segue os ditames do capitalismo, excluindo o agricultor do acesso à terra, e concentrando extensos hectares aos latifundiários, que independem dela para sobreviver, deixando-as ociosas, enquanto há inúmeros cidadãos sem-terra, sem teto e subalimentados, por não ter onde e como viver... Por não ter terra! (AZEVEDO, 2012, p. 23)

A partir destes argumentos, fica evidente como problemas de uma sociedade devem ser analisados integralmente, levando em conta aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos, constituindo-se DSS interligados, não podendo ser analisados de forma separada. Azevedo (2012, p.25) aponta de forma brilhante, e aqui evidenciamos, que “A fome é a expressão biológica de uma grave doença social”. Assim, o problema da evasão escolar deve ser entendido em sua totalidade, levando em conta aspectos referentes ao acompanhamento escolar, mas principalmente fatores pessoais ao aluno, como



condição econômica, necessidade de trabalho, acesso políticas públicas que possibilitem sua permanência na escola, acesso a alimentação, dentre outros fatores.

Quanto ao tempo em que ficaram longe da escola, dois alunos não conseguiram especificar o espaço de tempo deixando apenas como “muito tempo” (Estudante 7) e “muitos anos” (Estudante 2), outros dois não souberam responder. Dentre os respondentes, um afirmou estar a 32 anos fora da escola, outros dois a cerca de 10 anos e um, cerca de 6 anos.

A faixa de idade em que os alunos começaram a trabalhar ficou entre 6 aos 16 e não houve grande diferença entre os alunos que apenas estudavam e estudavam e trabalhavam como mostra a tabela 1.

Tabela 1 - Trabalho e estudo

Trabalhava enquanto estudava	Respostas
Sim	2
Não	3
Só Trabalhava	1
Do lar	2

Uma resposta que chamou atenção foi a “do lar” e como nas palavras da aluna “trabalho não visto pela sociedade”. Quanto aos postos de trabalho oferecidos às pessoas que não tinham a escolarização básica completa, foram unânimes as respostas de que os estudos influenciam nos postos de trabalho oferecidos.

Em determinada pergunta, os alunos foram indagados sobre o que aconteceria se houvesse uma renda suficiente para seus pais manterem a casa. A grande maioria concordou que a renda mudaria a trajetória escolar, como relatam os alunos:

*Me seria muito bom muitas vezes minha refeição era só a que eu comia na escola se meus pais tivessem renda eu não precisava ajudar e tínhamos comida para todos lá em casa (Estudante 5).*

*Teria sido diferente por que aí poderia pagar uma zeladora pelos menos para lavar as roupas etc. (Estudante 8).*

Uma aluna comentou que não mudaria, pois eram muitas pessoas na casa “Se tivesse renda acho que não era suficiente era muitas bocas para tratar” (Estudante 7). E ainda teve uma aluna que comentou outro lado de sua história: “Dinheiro não resolveria o problema da violência doméstica” (Estudante 4). O relato da estudante 4 reforça a ideia de que a escola deve ser mais do que um espaço de transmissão de conhecimento, a escola antes de tudo é uma instituição de apoio para os alunos.

Quando pensamos nos motivos que levaram esses alunos a sair da escola, muitos relacionaram a sua saída pela falta de incentivo, tanto financeiro quanto a falta de ajuda de professores. No questionário, apenas um aluno relatou ter recebido apoio. Tal dado reforça a importância das condições emocionais de um aluno para o processo educativo. A falta de um ambiente acolhedor e motivador contribuem com a evasão, como complementam Conzatti e Davoglio (2017, p.188) “a constituição de uma rede de apoio se faz fundamental em qualquer projeto de vida, proporcionando as condições materiais e humanas para a sua consecução”

Sobre as situações que estes alunos passaram por não terem terminado os estudos, a maioria dessas situações são acerca do fato de não conseguirem empregos melhores como mostram os depoimentos:

*“A na [nome de empresa ocultado] mesmo, o quando eu não estava estudando quando trabalhei na [nome de empresa ocultado] em 2017 eu só não fiz os testes para operador por que não tinha os estudos suficiente” (Estudante 8)*

*“Perdi vários trabalhos e oportunidades” (Estudante 2)*

*“Não consegui trabalho melhor” (Estudante 3)*

*“Não conseguir um emprego” (Estudante 4)*

Quando indagados sobre os motivos que levaram os alunos a retornarem aos estudos, a busca por melhores postos de trabalho foi o principal determinante para o retorno à escola, como complementa o Estudante 7 em seu depoimento “*Hoje mesmo trabalhando tenho que ter força de vontade pra seguir em frente*”. Uma melhor qualidade de vida também foi relatada como um motivo, o Estudante 5, em seu depoimento complementa que, por não completar o ensino médio seus postos de emprego sempre foram subvalorizados (doméstica), o que não a permitia crescer ou ter acesso a produtos que contribuíssem com sua qualidade de vida.

Quando indagados sobre as perspectivas para futuro, a vontade de ir para o ensino superior aparece em metade das respostas. Entre os cursos universitários escolhidos estão: Pedagogia (Estudante 3), Direito (Estudante 2) e Administração (Estudante 8). A outra metade das respostas ficou dividida entre uma pequena parcela dos alunos que não tem o desejo de ir para o ensino superior e uma ainda menor que não soube responder.

Sobre a questão do ingresso de concluintes da EJA ao ensino superior, Moreira (2014, p. 48) faz um questionamento interessante em seu trabalho: “será que alunos

oriundos da EJA têm a oportunidade de cursar nível superior?”. Como a autora discorre, durante a análise dos dados mesmo que os alunos se mostrassem interessados em ingressar no ensino superior os comentários dos alunos eram negativos como: “tenho vontade de fazer faculdade, mas sei que não vai dar” (MOREIRA, 2014, p.48); “ah esse aí (referindo-se ao nível superior) eu quero, mas nessa idade nem dá mais” (MOREIRA, 2014, p. 48). O que pode sugerir que a não continuidade na formação dos alunos EJA no ensino superior seja oriunda da visão de inferioridade que os alunos possuem de si mesmos. Consideramos que esta visão seja pelo contato frequente com o fracasso escolar, ou novamente por receios de estar em uma sala com colegas com uma diferença de idade muito grande. A autora ainda complementa que “muito se fala em integrar a EJA a Educação Profissional (o que é positivo), porém pouco se fala em proporcionar a estes alunos o acesso ao ensino superior.” (MOREIRA, 2014, p. 48). Por fim, ao tratarmos de aspectos iniciais acerca da saúde mental dos estudantes, as respostas que tivemos foram totalmente concordantes e evidenciam que o fato de não terminar os estudos influenciou a saúde mental dos alunos.

*“Sim. Afetou Minha maneira de entender as coisas até a maneira correta falo errado certas coisas e no financeiro também afetou e muito sempre desde criança” (Estudante 5).*

*“Sim. Eu sentia vergonha de não ter estudo” (Estudante 3).*

*“idade muito alta em uma série muito baixa” (Estudante 6).*

A EJA além de retomar o direito à educação, atua como promotora da saúde mental, mais precisamente no que diz respeito a autoestima destes alunos, visto que estes, constantemente, se sentem inferiores e/ou excluídos da sociedade por não terem o nível instrução de seus conhecidos, pois “há, no meio social, a percepção de que o adulto com pouca ou nenhuma escolarização seja incapaz. Esse sentimento que acaba sendo internalizado por essas pessoas, provocando uma autopercepção de impotência e inutilidade, atitudes nefastas ao desenvolvimento humano” (CAMARGO, 2015, p.42). Assim, o retorno para a escola auxilia tanto aspectos cognitivos quanto emocionais, como complementa Camargo (2015, p.42)

Proporciona o empoderamento das pessoas que a ela acorrem, possibilitando maior autonomia e independência, melhoria na autoestima, condições de reivindicação de direitos, inserção social, dentre outros benefícios, transforma-se em instrumento para a remediação e a prevenção de problemas de ordem emocional, cognitiva e social, portanto, promotora da saúde mental.

Desta forma, podemos entender a evasão escolar como um problema complexo, consequência de uma série de questões sociais, financeiras e até mesmo de gênero. Os principais DSS que influenciaram a saída da escola, entre os estudantes participantes da pesquisa, foram as questões relacionadas a trabalho e renda. Sendo assim, os sujeitos mais suscetíveis a evadirem a escola são, em sua maioria, de baixa renda, que possuem outras responsabilidades fora a escola, como trabalho ou obrigações com a casa, o que causou o abandono da escola por não conseguirem conciliar suas duplas jornadas. É preciso destacar que, no caso das mulheres entrevistadas, podemos considerar o machismo como um elemento de grande peso na decisão da evasão, pois para as famílias as obrigações com a casa eram de maior importância do que o estudo dessas meninas. Assim, poucas meninas receberam incentivo para trilharem caminhos acadêmicos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao retomar os questionamentos e objetivos iniciais, consideramos que o presente estudo permitiu-nos compreender as influências de determinantes sociais da saúde (DSS) na vida de estudantes da EJA, dentre os quais destacamos: meio familiar, renda, gênero, trabalho e principalmente o contexto do estudante. Esses DSS constituem-se variáveis que impactam não apenas questões que envolvem a saúde, mas sim a vida dos sujeitos, inclusive resultam na evasão escolar. É evidente que o papel da escola vai muito além do ensino, pois esta é um centro de amparo aos alunos em situações de risco. A evasão tem consequências tanto na fase juvenil, como foi relatado por muitos dos alunos da EJA que tinham a merenda escolar como a única fonte de alimentação, quanto na fase adulta, em que muitos alunos tiveram a saúde mental afetada e os postos de trabalho limitados.

A desigualdade social proveniente de um sistema capitalista neoliberal obriga que jovens estudantes iniciem suas vidas no mundo do trabalho para auxiliar nos rendimentos e nas necessidades imediatas da casa e, por vezes, estes não completam seus estudos. Assim, o impacto é uma vida de oportunidades limitadas, subempregos e exclusão social. Por vezes, alunos da EJA se sentem inferiores a outros estudantes por não conseguirem fazer tarefas simples do dia a dia, como contas de supermercado ou escrever textos simples. Tais limitações prejudicam o entendimento de mundo e a sua saúde mental.

É importante ressaltar que, quando os alunos nos apresentaram suas dificuldades de compreensão de mundo, isto nos fez compreender a importância da educação para

todos. Desta forma, julgamos este estudo pertinente para os campos da Educação e da Educação em Ciências, como forma de refletir sobre a educação como direito para todos, assim como fazer coro as vozes que lutam pelos direitos de uma formação cidadã, por uma sociedade mais justa e democrática. É partir desse entendimento que inferimos que determinantes sociais de saúde precisam ser levados em conta em políticas públicas, pois são elementos que atuam na qualidade de vida e na formação para a cidadania.

O presente estudo, apesar da relevância dos dados aqui apresentados e discutidos, limita-se a refletir sobre um contexto privilegiado, de uma região agrícola, economicamente produtiva, localizada no oeste do Paraná, bastante divergente de outras realidades que se apresentam em nosso país. Portanto, são necessários novos estudos que tragam diferentes olhares, em diferentes contextos regionais, acerca destes e de outros determinantes sociais de saúde que trazem consequências para a leitura e escrita de mundo de jovens e adultos e que impactam nas compreensões e incompreensões de temas que envolvem ciência, tecnologia, sociedade, história, arte, dentre outras áreas que deveriam ser aprendidas durante a escolarização básica no Brasil.

## REFERÊNCIAS

AJALA, Michelle Cristina. **ALUNO EJA::** motivos de abandono e retorno escolar na modalidade eja e expectativas pós eja em santa helena-pr. 2011. 45 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Profissional Integrada A Educação Básica na Modalidade Eja, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.

AZEVÊDO, Kalyne Thayanna Silva de. **Pobreza, marginalização e segregação socioespacial: Uma visão teórica das periferias urbanas.** 2012. 28 f. Monografia (Especialização) - Curso de Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental, Universidade Federal da Paraíba, Guarabira, 2012.

BADZIAK, Rafael Policarpo Fagundes; MOURA, Victor Eduardo Viana. Determinantes sociais da saúde: um conceito para efetivação do direito à saúde. **Revista de Saúde Pública de Santa Catarina**, v. 3, n. 1, p. 69-79, 2010

BECCENERI, Leandro Blanque; ALVES, Humberto Prates da Fonseca; VAZQUEZ, Daniel Arias. Estratificação Sócio-Ocupacional e Segregação Espacial na Metrópole de São Paulo nos Anos 2000. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 21, p. 137-154, 2019.

BEZERRA, Vivian Leamari Magalhães. **Narrativas das histórias de vida da evasão escolar dos estudantes da educação de jovens e adultos - eja.** 2019. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós graduação em Psicologia/ Mestrado em Psicologia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2019.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos.** [S.L]: Porto, 1994.

- BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº. 9394/96. Brasília, 20 dez. 1996
- BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 17, p. 77-93, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2020
- CAMARGO, Janira Siqueira. A Educação de Adultos na Educação de Jovens e Adultos como Promotora da Saúde Mental. **Saúde e Pesquisa**, v. 8, p. 31-44, 2015.
- CARRAPATO, Pedro; CORREIA, Pedro; GARCIA, Bruno. Determinante da saúde no Brasil: a procura da equidade na saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 26, p. 676-689, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v26n3/0104-1290-sausoc-26-03-00676.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020
- CIAVATTA, Maria; RUMMERT, Sonia Maria. As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos integrada à formação profissional. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 111, p. 461-480, 2010.
- COMISSÃO NACIONAIS DOS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE. As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil. In: Relatório final da comissão nacional sobre determinantes sociais da saúde (BRASIL) .2008. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/causas\\_sociais\\_iniquidades.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/causas_sociais_iniquidades.pdf).
- CONZATTI, Fernanda de Brito Kulmann; DAVOGLIO, Tércia Rita. Análise Textual Discursiva e as trajetórias educativas de adultos na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um exercício metodológico. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 5, n. 10, p. 180-194, 2017.
- COSTA, Maria Isabelly Fernandes da; VIANA, Tamires Rebeca Forte; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; CARDOSO, Maria Vera Lúcia Moreira Leitão; BARBOSA, Lorena Pinheiro; LUNA, Izaildo Tavares. Determinantes sociais de saúde e vulnerabilidades às infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 6, p. 1595-1601, Dec. 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reben/v72n6/pt\\_0034-7167-reben-72-06-1595.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v72n6/pt_0034-7167-reben-72-06-1595.pdf). Acesso em: 28 nov. 2020
- CUNHA, Allan Costa; FARIAS, Paulo Sérgio; FRANCISCO, Alexander Ferreira. A Vida é um Desafio: Como a desigualdade social caminham juntas no município de Volta Grande. **EJA em Debate**, v. 7, n. 12, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2519/art11> Acesso em; 12 set. 2020
- FERNANDES, Roseane Freitas. **Causas de evasão escolar da educação básica na percepção de alunos da educação de jovens e adultos**. 2013. 25 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais) — Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/6885>. Acesso em: 04 nov. 2020
- FIGUEIREDO, Natalia Gomes da Silva; Salles, Denise Medeiros Ribeiro. Educação Profissional e evasão escolar em contexto: motivos e reflexões. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em educação**, v. 25, p. 356-392, 2017.



FILHO, Raimundo Barbosa Silva; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação por escrito**, v. 8, n. 1, p. 35-48, 2017.

FRIEDRICH, Márcia; **BENITE, Anna M. Canavarro; BENITE, Claudio R. Machado; PEREIRA, Viviane Soares** Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 18, n. 67, p. 389-410, 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362010000200011&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362010000200011&script=sci_arttext). Acesso em: 08 dez. 2020

MONTEIRO, Paulo Henrique Nico; BIZZO, Nelio. Hábitos, atitudes e ameaças: a saúde nos livros didáticos brasileiros. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 151, p. 132-154, 2014. Acesso em: 22 nov. 2020

MOREIRA, Valéria da Silva. **Educação de Jovens e Adultos (EJA): uma reflexão sobre o abandono escolar**. Brasília – DF Universidade de Brasília / Faculdade de Educação (trabalho final de curso), 2014.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar em Revista**, n. 29, p. 83-100, 2007.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Carta da Organização Mundial de Saúde, 1946**. Disponível em: <http://www.onuportugal.pt/oms.doc>. Acesso em 09 ago. 2021.

RUMMERT, Sonia Maria. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. **Sísifo**, n. 2, p. 35-50/EN 35-50, 2016. Disponível em <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/50/57>. Acesso em 08 dez. 2020

RUMMERT, Sonia Maria; ALGEBAILLE, Eveline; VENTURA, Jaqueline. Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 54, p. 717-738, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n54/11.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SERRA, Enio *et al.* Interrogando o direito à educação: oferta e demanda por educação de jovens e adultos no estado do Rio de Janeiro. **Crítica Educativa**, v. 3, n. 3, p. 25-41, 2018. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/243>. Acesso em: 04 nov. 2020

SILVA, Francisca Veridiana. Uma breve discussão sobre quem são sujeitos da EJA e quais suas expectativas na sala de aula: Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC), 2017.

SOUZA, Diego de Oliveira; SILVA, Sóstenes Ericson Vicente da; SILVA, Neuzianne de Oliveira. Determinantes Sociais da Saúde: reflexões a partir das raízes da "questão social". **Saúde e Sociedade**, v. 22, p. 44-56, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n1/06.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020



SOUZA, Olívia Maria Costa Grangeiro de; ALBERTO Maria de Fátima Pereira. Trabalho Precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 13, n. 4, p. 713-722, out-dez 2008.

SUCUPIRA, Ana Cecília Silveira Lins *et al.* Determinantes sociais da saúde de crianças de 5 a 9 anos da zona urbana de Sobral, Ceará, **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 160-177, 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4503201400060014>.

TEIXEIRA, Eliana de Oliveira. A "fabricação" do jovem da EJA: reflexões sobre juvenilização e diversidade étnico-racial. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 40, n. 75, p. 25-42, jan./abr. 2018.

VENTURI, T. **Educação em Saúde sob uma Perspectiva Pedagógica e Formação de Professores**: contribuições das Ilhotas Interdisciplinares de Racionalidade para o desenvolvimento profissional docente. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica – Florianópolis: UFSC, 2018.

Recebido em: 04/10/2022

Aceito em: 03/11/2022